



## XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

### RESUMOS

Luiz Cláudio da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

#### A postura emergente do artista na historiografia

Segundo Paul Ricoeur, para que a história não se faça pura ficção inverificável, o discurso histórico não deve prescindir da prova documental, da explicação causal/final e da forma literária. Dos três componentes, a prova documental ou a pesquisa em arquivo tem sido peça indispensável para a postura do artista que aborda a historiografia. Tal atitude, que pode ser observada desde os anos 70 entre vários artistas que utilizaram a fotografia de arquivo (Gerhard Richter, Christian Boltanski) alcançou maior abrangência a partir dos anos 90 com o advento da consciência trazida pela virada antropológica das artes das duas décadas anteriores. Alguns artistas constroem um conhecimento visual do passado industrial a partir da realização de fotografias in loco (Bernd & Hilla Becher), outros levantam o problema do esquecimento de eventos traumáticos através de pesquisas em arquivo institucionais (Imemorial, Rosângela Rennó, 1994), outros encenam acontecimentos históricos (A batalha de Orgreave, Jeremy Deller, 2001), outros, ainda, utilizam o testemunho de filmes de família para estruturar uma fina transição da história privada à história social (O exôdo do Danúbio, Péter Forgacs, 1998).

De modo geral, esses artistas mostram uma vontade de colocar em pauta o problema da memória, do esquecimento e da perda, tendo como requisito a afirmação da realidade através de uma rede de índices tramada pela obra plástica. Mas qual o estatuto do documento e da referencialidade histórica no contexto de uma obra artística? Ficção, simulacro, história? Deveríamos utilizar o termo cunhado por Danto (usado em sua análise da Brillo Box, de Andy Warhol), a indiscernibilidade, para articularmos uma indiferenciação entre ficção e história na arte contemporânea? Esses artistas estariam construindo simulações do histórico que retomam o caminho da estetização do real? Ou seria uma postura contra o historicismo ainda presente na História da arte, uma reação contrária à noção de progresso em arte? Tendo como modelo historiográfico, o Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg e a montagem dos anos 20, as obras de Richter e Boltanski, assim como a de outros artistas dos anos 90, forcem a disciplina da História da arte à repensar a noção de tempo evolutivo, assim como a persistir na concepção de uma história que se refira às questões de ordem cultural fundada na memória coletiva.